

# Narrativa jornalística e conhecimento imediato de mundo: construção cognitiva da história do presente\*

Luiz Gonzaga Motta\*\*

\*\* *Jornalista e professor da Universidade de Brasília, doutor pela University of Wisconsin (USA) e estagiário de pós-doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha).*

## I. História, incidente, acontecimento

O historiador Robert Darnton (2004) chamou recentemente a nossa atenção para um fenômeno novo que ocorre na historiografia: o aumento do número de estudos sérios sobre fatos dramáticos relativamente curtos, narrados como contos, que ele denomina de “análise de incidentes”. Por um lado, diz ele, esses estudos respondem à fome de conhecimento histórico, por outro levantam uma velha questão: “o passado, quando visto de perto, parece mais inescrutável que nunca”. Levantam indagações atordoantes do tipo: “o que realmente aconteceu?”, ou “o que separa o fato da ficção?”, ou ainda “onde está a verdade entre as interpretações correntes”?<sup>1</sup>

\* O autor agradece à Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos – FINATEC/UnB. O apoio desta Fundação tornou possível o comparecimento do autor ao *IV Colóquio Espanha-Brasil de Ciências da Comunicação* realizado em Málaga, Espanha, de 24 a 26 de abril de 2006, onde este trabalho foi originalmente apresentado.

<sup>1</sup> Darnton, Robert (2004): Um assassino sentimental, *Caderno Mais!, Folha de S. Paulo*, 23/05/2004. Segundo Darnton, há uma dupla preocupação nessas análises. Por um lado, há uma reconstrução acadêmica de um fato; por outro, o relato de uma história, uma nova narrativa, que

As indagações de Darnton trazem duas questões a partir das quais quero discutir a possibilidade de o jornalismo ser entendido como uma narrativa que tece o presente. Primeiro, quero discutir a ‘análise de incidentes’ como uma forma de buscar a compreensão histórica de acontecimentos jornalísticos de significação unitária, mais ou menos acabada. Segundo, a partir da compreensão dos ‘incidentes’ como acontecimentos (unidades de significação integral), quero discutir onde e como os acontecimentos jornalísticos se relacionam à configuração de uma história do presente ou uma história imediata, como preferem outros historiadores. Meu objetivo de fundo é discutir se o jornalismo é uma narrativa contemporânea e como essa narrativa jornalística tece a história do presente.

Escrever a história (*history*) é contar uma história (*story*), é utilizar, portanto, muitos dos mesmos dispositivos que entram na ficção, diz R. Darnton. Há riscos de se fazer má história ou má ficção, e até as duas coisas, adverte ele. Mas, esse risco existe em qualquer atividade, incluindo o jornalismo, a ficção e a historiografia. O que distingue uma boa análise de incidentes é sua matéria prima, os métodos e a ambição, diz o historiador: “ela lida com a concatenação de eventos, mais que apenas os próprios eventos”. Ao se concentrar em eventos, tenta entender a maneira como as pessoas interpretaram sua experiência, mais que o modo como elas se encaixam em estruturas. Hoje, conclui Darnton, como os eventos da mídia dominam os noticiários, uma história sobre como os eventos se tornam incrustados na mídia deveria despertar um interesse maior. Pois bem, esse é nosso interesse principal neste artigo.

O tema trazido por Darnton não é novo. Refere-se a uma discussão já longa da historiografia sobre os a análise dos acontecimentos (que Darnton chama de análise de incidentes). Durante muito tempo o acontecimento pareceu inseparável dos relatos da história (*histoire événementielle*) e consolidou-se como referência objetiva da historiografia positivista (a história das efemérides) até

---

distingue esses historiadores da Escola dos Anais. Concentram-se em pequenas unidades onde é possível estudar fenômenos que não podem ser vistos em abstrações mais elevadas. Lidam com a vida cotidiana e como as pessoas interpretaram suas experiências.

sofrer uma crítica frontal da ‘nova história’ que se refere ao acontecimento historiográfico como simples ‘agitação de superfície’.

A análise do acontecimento não desaparece do horizonte dos historiadores, entretanto, e recupera o seu *status* a partir de um artigo de P. Nora (1979) que refuta o acontecimento ‘natural’, mas retoma o acontecimento discursivo na inflação de aconteceres da contemporaneidade midiática. “Multiplicado, desmesuradamente inchado pelos meios de comunicação que o produzem, o acontecimento nos oferece a leitura do imaginário de uma sociedade, para a qual representa ao mesmo tempo o papel de memória e de mito”, diz J. Revel (s/data).

Pretendo defender a compreensão dos acontecimentos jornalísticos como narrativas do presente, na direção apontada pelo historiador francês. Penso que nas conexões que se realizam entre os eventos isolados narrados pelas fragmentadas notícias diárias se estabelece certa narratividade e se configuram acontecimentos jornalísticos como conjuntos significativos integrais e coerentes. Para desenvolver o argumento, preciso fazer breves considerações sobre a teoria narrativa e o ato de recepção jornalística, tendo em mente a recepção das notícias como experiências ao mesmo tempo cognitivas e simbólicas. Recorrerei primeiro a P. Ricoeur (1994) e em seguida a dois autores da teoria da recepção, W. Iser (1998) e H. R. Jauss (1998), em quem Ricoeur parcialmente se baseou para completar suas idéias. Infelizmente, reduzirei as férteis idéias desses autores para poder concluir meu argumento no âmbito deste artigo.

## 2. Experiência temporal e a identidade de um texto narrativo

Paul Ricoeur (1994) nos alerta que as narrativas são um meio de reconfigurar a nossa confusa e difusa experiência temporal. A identidade de um texto narrativo, diz o autor, deve ser buscada no caráter temporal da experiência humana, porque qualquer narrativa é sempre um mundo temporal. Dessa maneira, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços de nossa experiência temporal. O autor abre uma pródiga trilha para nossa discussão.

Para Ricoeur, existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação transcultural. O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal.

O roteiro aberto por Ricoeur abre trilhas

intrigantes para uma compreensão da comunicação jornalística, a atividade essencialmente marcada pela experiência do tempo (a atualidade, a instantaneidade e a contemporaneidade são valores-notícia determinantes da forma de conhecimento jornalístico).

Em sua discussão, Ricoeur não segue, como a maioria dos autores da narratologia estruturalista, o caminho da semiótica, nem busca a identidade da narrativa na sua estrutura imanente. Prefere a via da hermenêutica e da teoria dos atos de fala oriundos da filosofia analítica. Ele não parte das leis internas (ou qualidades intrínsecas) que governam a organização do texto, mas da reconstrução do arco ‘obra-autor-leitor’. Sua tese é que a tessitura da intriga (ou enredo) resulta de sua posição intermediária de configuração (função mediadora) entre duas operações: o processo de prefiguração no campo prático (montante) e de re-configuração da obra no ato da recepção (jusante). Diz ele: “seguimos o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado pela mediação de um tempo configurado” (RICOEUR, 1994, 87).

Além disso, Ricoeur apóia-se na antropologia cultural (C. Geertz) para argumentar que compreender uma história é compreender, ao mesmo tempo, a linguagem do ‘fazer’ e a tradição cultural (a trama simbólica da cultura) da qual procede a tipologia das intrigas. Situando as intrigas na cultura, o autor introduz a idéia de regras ou normas que dão forma, ordem e direção à vida e alcança

***Nas conexões que se realizam  
entre os eventos isolados  
narrados pelas fragmentadas  
notícias diárias se configuram  
acontecimentos jornalísticos  
como conjuntos  
significativos integrais  
e coerentes.***

assim os pressupostos éticos das narrativas, como defendia Aristóteles. Se a tragédia e a comédia, diz ele, podem representar os ‘melhores’ e os ‘piores’ homens, é porque os autores partilham com o auditório uma hierarquia de valores do bem e do mal. Neste sentido, a poética não cessa de tomar emprestado à ética uma experimentação de valores.

Ricoeur leva-nos a constatar uma estrutura pré-narrativa da experiência temporal do mundo da vida que permanece implícita nas mediações simbólicas, indutora de narrativas (mimese I). Ou seja, a prática cotidiana ordena e articula o passado, o presente e o futuro. Mas, valendo-se das aporias de Santo Agostinho, ele observa que não há tempo passado nem tempo futuro, só há um tríplice presente, um presente das coisas passadas, futuras e presentes.

Essa relação humana com o tempo se realiza através da intratemporalidade (ser-no-tempo), onde o conceito ‘vulgar’ do tempo cronológico (sucessão de agora abstratos) é dessubstancializado para dar lugar a um tempo existencial, uma grandeza relacionada às nossas preocupações com a morte, com o reter (passado) e com a espera (futuro). É sob o conceito de intratemporalidade que se edificam, para Ricoeur, as configurações narrativas e as formas existenciais da temporalidade que lhe correspondem:

*“Imitar ou representar a ação é, primeiro, pré-compreender o que ocorre com o agir humano, com sua semântica, com sua simbólica, com sua temporalidade. É sobre essa pré-compreensão, comum ao poeta e a seu leitor, que se ergue a tessitura da intriga, e com ela, a mimética textual e literária” (p. 101).*

É nas operações de configurações da tessitura da intriga ou composição do enredo (mimese II) que P. Ricoeur concentra uma atenção especial, entretanto (p. 101-110). Para uma teoria da notícia, esse processo é também significativo. As operações de configuração exercem, segundo ele, uma mediação entre a pré-compreensão (montante) e a pós-compreensão (jusante). A tessitura da intriga faz, primeiro, a mediação entre os incidentes individuais e uma história (transforma os incidentes em uma intriga). Se-

gundo, compõe juntos fatores heterogêneos como agentes, fins, meios, circunstâncias etc. Terceiro, o tecer da intriga realiza uma síntese do heterogêneo (totalidade orgânica) na medida em que combina duas dimensões temporais, uma cronológica (episódica, história de incidentes) e outra configurante, que constitui a unidade configuradora de uma sucessão (não cronológica). Seguir uma história é avançar no meio de contingências sob a conduta de uma esfera que encontra sua realização na conclusão. Mas, a conclusão não é o final da intriga, é a síntese entre o tempo narrativo linear e a dimensão configurante que transforma a sucessão de incidentes em uma totalidade significativa (tema).

Finalmente, Ricoeur fecha o círculo ao dizer que é no ouvinte ou leitor que se conclui o percurso da mimese, onde se realiza a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do receptor (mimese III). Porém, esse círculo não é um círculo vicioso.<sup>2</sup> Ricoeur não nega a circularidade, na medida em que o ponto de chegada parece conduzir ao ponto de partida, ou pior, o ponto de chegada parece antecipado no ponto de partida (p. 111). Mas, qualquer que seja a força coercitiva dessa circularidade, pode-se encontrar nela um reforço para o seu argumento segundo o qual a circularidade manifesta de qualquer análise narrativa não é uma tautologia morta. “É preciso, antes, ver aí um círculo saudável no qual os argumentos apresentados nas duas vertentes do problema socorrem-se mutuamente” (p. 117).

Primeiro, a experiência do tempo não se reduz à simples discordância. Segundo, se por um lado a narrativa dá forma ao informe na medida em que a consonância narrativa se impõe à dissonância temporal (a despeito de tudo, a ordem é nossa pátria, diz ele), por outro, a tessitura da intriga nunca é o triunfo da ordem. As intrigas coordenam tensão e intenção, terror e piedade,

---

<sup>2</sup> Ricoeur não nega a circularidade, na medida em que o ponto de chegada parece conduzir ao ponto de partida, ou pior, o ponto de chegada parece antecipado no ponto de partida (p. 111). Mas, qualquer que seja a força coercitiva dessa circularidade, pode-se encontrar nela um reforço para o seu argumento segundo o qual a circularidade manifesta de qualquer análise narrativa não é uma tautologia morta. “É preciso, antes, ver aí um círculo saudável no qual os argumentos apresentados nas duas vertentes do problema socorrem-se mutuamente” (p. 117).

começo (o gênesis) e fim (o apocalipse). Além disso, continua o autor mais adiante, estamos inclinados a ver no tecer das intrigas o encadeamento de episódios de nossa vida ainda não contados, histórias que oferecem pontos de ancoragem à narrativa. Essa pré-história da história é o que a vincula a um todo mais vasto e lhe fornece um “pano de fundo”, uma imbricação viva de todas as histórias. Narrar é, assim, um processo secundário que emerge desse pano de fundo: “Narrar, seguir, compreender histórias é só a continuação dessas histórias não ditas... Contamos histórias porque as vidas humanas merecem ser contadas” (p. 116). Seguir uma história, diz Ricoeur, é atualizá-la na leitura. É no ato de ler que o destinatário joga com as coerções narrativas, efetua os desvios e realiza o prazer do texto. É o leitor que conclui a obra, “que quase abandonado pela obra carrega sozinho o peso da tessitura da intriga”. E conclui fechando o ciclo das três mimeses:

*“O texto é um conjunto de instruções que o leitor individual ou público executa de modo passivo ou criador. O texto só se torna obra na interação entre o texto e o receptor.” ( p. 118)*

Se seguirmos P. Ricoeur, concluímos que a força narrativa dos enunciados noticiosos não está nas qualidades narrativas intrínsecas ao texto (estruturas) das notícias e reportagens nem nos estilos ou gêneros jornalísticos (descrição x narração etc.), mas principalmente na compreensão da comunicação jornalística como

***A força narrativa dos enunciados noticiosos está principalmente na compreensão da comunicação jornalística como uma forma de ordenar o desenvolvimento caótico do contemporâneo.***

uma forma contemporânea de lidar com o tempo, de domar o tempo o tempo presente, de mediar a relação entre um mundo temporal e ético (ou intratemporal) pré-figurado e um mundo refigurado pelo ato de leitura. De ordenar compreensivelmente o desenvolvimento caótico do contemporâneo.

Ricoeur abre uma trilha que põe a narrativa no campo dos atos de fala e das relações pragmáticas. Desde essa perspectiva antropológica, o jornalismo configura contraditoriamente narrativas de experimentação ética e moral, revelando-se como uma via de reconfiguração da cultura contemporânea. Essa reconfiguração se realiza nos atos de leitura das notícias de cada dia quando o leitor, ouvinte ou telespectador criativamente reinterpreta, sob o mesmo fundo cultural do autor (do comunicador/jornalista), o percurso de representação dos dramas e tragédias do homem moderno. Assim, ele apreende e compreende o mundo situando-se nele a partir de sua coetaneidade com os acontecimentos jornalísticos.

### 3. A experiência da recepção das notícias e a reconfiguração narrativa

As formulações de P. Ricoeur sobre o ato criativo de leitura remetem nossa discussão sobre a identidade narrativa de um texto jornalístico para a estética da recepção de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser.<sup>3</sup> Em um ensaio sobre o ato de recepção como experiência mediada empírica, H. R. Jauss é enfático sobre os horizontes de expectativas que se abrem no ato de leitura. Ele observa que o ato constitutivo do processo total de recepção é a recepção de estruturas, esquemas ou sinais que orientam previamente, em cujo marco de referência o conteúdo do texto é percebido e o significado realizado. Entretanto, este ato de recepção não deve ser entendido como a união mecanicista de ação recíproca texto-leitor, ou seja, como efeito ou concretização condicionada do destinatário pelo texto. A recepção deve ser concebida como um processo de fusão de horizontes.

A fusão do horizonte de expectativas intraliterárias com o mundo da vida no processo de recepção do texto se realiza através da formu-

---

<sup>3</sup> É significativo observar que tanto Paul Ricoeur na sua discussão sobre tempo e narrativa quanto Wolfgang Iser na sua antropologia literária partem da antropologia interpretativa de Clifford Geertz. Diz Geertz (1989, 207) sobre a cultura: “A cultura não são cultos e costumes, mas estruturas de significado através das quais os homens dão forma à sua experiência”. Em suas formulações P. Ricoeur retoma muitas sugestões de H. R. Jauss e W. Iser.

lação de hipóteses, verificação ou refutação. Um processo hermenêutico, mediatizado e criativo, de compreensão de sentidos:

*“O leitor só pode converter um texto em fala, isto é, converter o significado atual (do texto) em sentido potencial da obra, na medida em que o introduz no marco de referência dos antecedentes literários da recepção, de sua compreensão prévia do mundo que inclui suas expectativas concretas procedentes do horizonte de seus interesses, desejos, necessidades e experiências, condicionados pelas circunstâncias sociais específicas de cada estrato social e também biográfico” (JAUSS, 1987: 77).*

Essa fusão de horizontes tanto pode realizar-se espontaneamente, no desfrute de expectativas cumpridas, quanto reflexivamente, através de consideração distanciada, do reconhecimento do estranho, do descobrimento de um modo de proceder, de uma resposta a um estímulo mental. Essas palavras de Jauss sobre a recepção estética parecem-me adequadas para compreender a recepção da comunicação jornalística como um ato mediador de construção de sentidos a partir dos dramas e tragédias veiculadas diariamente pelas notícias.

Vejo ainda mais ajustadas à compreensão do ato de recepção das fragmentadas notícias diárias as palavras de Wolfgang Iser sobre a estética da recepção literária. Reproduzo aqui uma síntese do pensamento do autor convidando o leitor a pensar, enquanto as lê, sobre o ato de recepção dos dramas e tragédias reportados continuamente pelas notícias diárias. Diz textualmente Iser:

*“Como nenhuma história pode ser contada na íntegra, o próprio texto é pontuado por lacunas e hiatos que têm de ser negociados no ato da leitura. Tal negociação estreita o espaço entre texto e leitor, atenua a assimetria entre eles, uma vez que por meio dessa atividade, o texto é transportado para a consciência do leitor. Se a estrutura básica do texto consiste em segmentos determinados interligados por conexões indeterminadas, então o padrão textual se revela um jogo, uma interação entre o que está expresso e o que não está. O*

*não expresso impulsiona a atividade de constituição do sentido, porém sob o controle do expresso. Expresso esse que também se desenvolve quando o leitor produz o sentido indicado” (ISER, 1996: 28).*

Desse modo, conclui Iser, o significado do texto resulta de uma retomada ou apropriação da experiência noemática que o texto desencadeia e que o leitor assimila e controla segundo as suas próprias disposições.

Assim, a análise de uma narrativa jornalística pode não ficar dependente da descoberta de pequenas incrustações de formas narrativas no texto predominantemente objetivo e descritivo do jornalismo nem de descobrir até onde o texto descritivo de uma notícia ou reportagem transfigura-se em mini ou pseudonarrativas. Não é na incrustação nem na hibridização do gênero ou do estilo do texto que o paradigma narrativo se revela com vigor no jornalismo. A realização da intriga e da diegese narrativa do jornalismo não está nas contradições e derrapagens da linguagem das notícias: está no movimento entre a pré-figuração, a configuração e a refiguração do ciclo pragmático autor-obra-leitor, que pode ser capturada, como nos sugere P. Ricoeur, através da interpretação de acontecimentos jornalísticos desde a ótica do leitor. Ou seja, é desde o ponto de vista reconfigurador da recepção e desde um pano de fundo cultural, ético e moral que podemos reconstituir episódios fragmentados das notícias diárias em narrativas coerentes, que podemos reconstituir intrigas e histórias cuja significação está muito além dos conteúdos proposicionais. É do ponto de vista da cultura, a meu ver, que o jornalismo se configura como narrativa da contemporaneidade. Sua significação é cultural e sua interpretação precisa ser antropológica.

***É do ponto de vista da cultura que o jornalismo se configura como narrativa da contemporaneidade.***

Penso que os incidentes narrados se encadeiam sucessivamente na mente do leitor ou ouvinte e configuram encaixes de seqüências compreensíveis. A determinação do receptor é construir significa-

dos integrais e ele realiza isso continuamente<sup>4</sup>. Assim, as fragmentadas notícias do dia-a-dia constituem unidades significativas parciais que se inserem em difusas narrativas temáticas no processo de recepção. As notícias sobre um mesmo tema podem se prolongar indefinidamente nos noticiários, retardar o desenlace e a configuração integral do enredo do acontecimento (como ocorre nos contos). Embora processando sucessivamente unidades de significação fragmentadas, a busca do leitor ou ouvinte das notícias é sempre por conexões compreensivas. As notícias diárias vão sendo encaixadas e compreendidas como micro-episódios de sentido aberto, mas relacionados a algo progressivamente refigurado na imaginação dos receptores, com o auxílio da memória. Gradualmente o leitor vai preenchendo imaginativamente as lacunas, construindo conexões, recompondo narrativas sobrepostas, realizando a fusão de horizontes e criando o que denomino ‘acontecimentos jornalísticos’. O que permite ao receptor ‘seguir virtualmente as pegadas da história’ (ou estória) são os fatores redundantes e recorrentes das notícias (a temática, as personagens, o espaço das ocorrências etc.).<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> M. Schudson (2002) observa que as notícias são *news* e são *story*, são fatos novos e são histórias. Porque são histórias (o inglês tem as duas palavras), os leitores estão sempre procurando o começo, o desenvolvimento e o desfecho. Diz ele que as notícias são escritas diariamente como unidades relativamente autônomas, mas elas têm pernas, elas caminham, elas são significados em construção (*follow up stories*). É fundamental recompor retroativamente a totalidade do acontecimento jornalístico como um bloco semanticamente coeso, tarefa que o leitor realiza inconscientemente, mas permanentemente e o analista pode reconstituir, a partir do texto. De forma mais ou menos arbitrária, o analista poderá identificar o princípio, o desenvolvimento e o final do acontecimento que está observando, embora muitos fatos permaneçam abertos por longos períodos na mídia. O início e o final de alguns acontecimentos serão mais fáceis de ser determinados, especialmente se o acontecimento se finda. Em outros casos um analista ou historiador terá de fazer um corte arbitrário para delimitar um acontecimento. Em seu auxílio, o analista poderá recorrer às concepções de seqüências narrativas da teoria literária.

<sup>5</sup> Para T. Todorov (1970), uma seqüência narrativa completa é formada no mínimo por cinco proposições: situação inicial estável que uma força vem perturbar. Daí resulta um estado de desequilíbrio; pela ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio é restabelecido; o segundo estado de equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas nunca idêntico. P. Larivaille também define como seqüência-tipo uma seqüência quinária articulada do seguinte modo: 1) situação inicial; 2) perturbação; 3) transformação; 4) resolução; situação final. Observe que as seqüências descrevem sempre um agrupamento semântico coeso que lhes confere unidade. Ver Reis e Lopes (1988,184/6). No jornalismo, a recomposição da seqüência pode tornar-se problemática porque

Não basta estabelecer relações cronológicas de transformação entre as notícias de ontem, as de hoje e as de amanhã, entretanto. Não é o estabelecimento de uma ordem temporal de incidentes ou ações no desenrolar de uma história, como pretendia V. Propp (1984) no seu trabalho pioneiro, que garantem a narratividade das notícias dispersas. Nem tampouco o estabelecimento lógico de uma sintaxe funcional, como defendia o estruturalismo de A. J. Greimas (1971) e T. Todorov (1971, 1970) que garante um caráter narrativo aos enunciados jornalísticos. O estabelecimento de uma história semanticamente coesa é um passo inicial indispensável<sup>6</sup>. É preciso identificar desde o princípio uma macroestrutura global coerente sem a qual não se pode avançar. Mas, a coesão da história só será plena na virtualidade da experiência cognitiva e simbólica do receptor, na imaginação narrativa do leitor ou ouvinte.

Se defendermos a refiguração narrativa do texto nos processos de recepção, como sugere P. Ricoeur e como defende mais enfaticamente a teoria da recepção estética, é na fusão de horizontes de expectativas que ocorre no ato de leitura onde devemos buscar a reconstrução de uma coerência narrativa virtual estimulada pelo texto jornalístico. No ato de leitura, o caráter fático dos enunciados jornalísticos remete o receptor da notícia para uma experiência cognitiva de realidade, mas a necessidade de reconstruir significados narrativos unitários o impele simultaneamente rumo a experiências simbólicas. O ato de recepção das notícias deve ser visto como uma experiência estética: um momento cognitivo em

---

nem sempre há um início ou um final da história claramente configurado (como em muitos romances e filmes enigmáticos). Nas análises a continuidade deverá ser buscada através da reiteração temática, reiteração de circunstâncias, personagens e lugares, que tecem o fio da história. Na análise que defendemos, esse é o passo inicial, mas a coerência narrativa deve ser invocada, através da fenomenologia, na cooperação interpretativa do leitor, na fusão de horizontes entre o mundo do texto das notícias e o mundo da cultura do receptor.

<sup>6</sup> M. Bal (2001) sugere, em um processo analítico, a elaboração de um resumo da história seguindo-se a lógica cotidiana que rege nossa realidade humana. Ele reconhece a dificuldade de se remontar uma ordenação cronológica em muitos contos e romances, especialmente nas novelas experimentais modernas onde tipos de anacronias estão sempre presentes. Essa dificuldade é a mesma, ou ainda maior, na remontagem dos acontecimentos narrativos jornalísticos que estamos aqui sugerindo.

que os homens aprendem algo de si mesmos e de sua realidade, mas também um momento de branda ou intensa comoção simbólica e estética, dependendo de cada notícia e circunstância de recepção. Um lugar onde os homens percebem e simultaneamente experimentam o mundo recriando criativamente acontecimentos temáticos significativos.

## 4. A recepção fragmentada das notícias reconfigura narrativas?

Precisamos, então, fazer a pergunta: na recepção das fragmentadas notícias do dia-a-dia ocorre igualmente um processo cognitivo, estético e simbólico de fusão de horizontes? Essa pergunta só poderá ser respondida com estudos empíricos. Mas, para refinar a hipótese, podemos recorrer às formulações da psicologia cultural. As idéias de J. Dewey (1998,22/3) sobre a construção de significados pela mente reflexiva (que ele considera semelhante a uma construção narrativa) podem auxiliar o desenvolvimento de nosso raciocínio.<sup>7</sup> No pensamento automático e incontrolado, diz Dewey, há um fluxo contínuo não regulado de impressões e imagens. Mas, no pensamento reflexivo, há uma ordenação seqüencial de idéias em que cada uma determina a seguinte, que por sua vez remete às que precederam: cada fase é um passo de algo rumo a algo. A exigência de diminuir ou extinguir a ambigüidade é o fator orientador e estabilizador. A corrente se transforma em cadeia de pensamentos e imagens ligados entre si num movimento dirigido a um fim comum, a uma conclusão reflexiva. Há em cada experiência cognitiva uma sucessão mais ou menos coerente de incidentes e episódios unidos por ruptura de continuidade, narrações imaginadas e lógicas.

Mas, o que importa, observa Dewey, não é a seqüência, é a *conseqüência*. Os significados inconscientemente construídos dessa forma têm por trás deles um “fundo de verdade”, uma crença em algo que transcende e ao mesmo tempo certifica seu valor. A crença

---

<sup>7</sup> Embora Dewey enfatize a expressão “mente reflexiva”, o desenvolvimento do seu raciocínio mostra que ele se refere também a significados narrativos, simbólicos, às crenças e fantasias.

realiza uma afirmação a cerca de uma questão de fato, de um princípio, de uma lei. O mais importante são as sucessões mais ou menos coerentes de incidentes e episódios imaginativos unidos sem ruptura de continuidade entre si, que podem estar a meio caminho entre as fugazes imprecisões caleidoscópicas da fantasia e as considerações deliberadamente utilizadas para estabelecer uma conclusão.<sup>8</sup> Para ele, o pensamento reflexivo (ou narrativo) tem um propósito que transcende a mera diversão, que deve conduzir a algum lugar, que solicita uma conclusão. Há uma meta que se pretende alcançar e essa meta impõe o controle sobre a seqüência de idéias, impõe uma combinação coerente em direção a uma conclusão unificada (DEWEY, 1998: 56/7).

Afastando-nos do pensamento reflexivo individual e movendo-nos para o coletivo, que nos parece mais pertinente aos processos de recepção das notícias, recorremos à psicologia cultural de K. Gergen (1996: 232). Diz ele que as pessoas vivem os acontecimentos da vida cotidiana de modo narrativo porque estão imersas em narrações que vão carregando de sentido os relatos: “adquirem a realidade de um princípio, de um ponto grave, de um clímax e de um final, e assim sucessivamente.” As pessoas vivem os acontecimentos desse modo e os classificam precisamente assim. Por isto, não dizemos que a vida copia a arte, mas que a arte se converte no veículo através do qual a realidade da vida se torna manifesta “em um sentido significativo, pois, vivemos mediante narrações, tanto ao relatar como ao realizar o eu”.

Não só contamos nossas vidas como relatos, mas também nos relacionamos com os outros de forma narrativa, observa Gergen. A consciência humana, continua ele, é um fluxo contínuo de seqüências dirigidas a metas: compreender uma ação é situá-la no

---

<sup>8</sup> John Dewey observa que o pensamento reflexivo (formador de significados) está sempre direcionado ao passado e ao futuro (sequenciação). Depende das experiências passadas, não surgem do nada, compara com as experiências anteriores, revisa fatos e idéias prévias (p. 110). Ao mesmo tempo, projeta visões de futuro, prognostica, conjectura, antecipa, hipotetiza, considera, refuta. Há um momento em que o significado é só uma idéia ou imagem, está só sugerido (p. 121), e só se transformará em um significado compreendido quando entendido em contexto (relações): “aprender o significado de um objeto é contemplá-lo em suas relações com outras coisas” (p. 125)”.

contexto dos acontecimentos precedentes e conseqüentes. Muito distante dos enfoques imanentes e internos às estruturas das narrativas, as narrações, segundo este ponto de vista, são instrumentos lingüísticos incrustados nas seqüências convencionais de ação e empregados nas relações de tal modo que sustentam, intensificam ou impedem formas de ação: funcionam como histórias morais, são recursos de origem sociocultural (intersubjetivos). As narrações estão cultural e historicamente situadas, são subprodutos dos intentos de se relacionar através dos discursos. Um relato estabelece um ponto final a alcançar, isto é, estabelece um forte componente cultural que se deriva da ontologia da cultura (p. 236), seleciona acontecimentos relevantes a partir deste ponto final, ordena os incidentes segundo o cronotopos culturalmente definido (p. 238). Identificamos certa analogia nesta psicologia cultural com as idéias de P. Ricoeur e as teorias da recepção estética.

É o mesmo ponto de vista de outro psicólogo cultural, Jerome Bruner (1998), para quem a psicologia popular (o senso comum) é de natureza narrativa, não de natureza lógica ou categorial: a psicologia popular trata de agentes humanos que fazem coisas baseando-se nas suas crenças e desejos, e se esforçam para alcançar metas. As narrativas são inerentemente seqüenciais, diz ele. Mas, essas seqüências não possuem um significado próprio, este só se realiza na configuração global da totalidade da seqüência: “sua trama, sua fábula” (p. 56). Podem ser reais ou imaginárias sem perder o seu poder simbólico de configuração global, independente de sua verdade ou falsidade.

As narrativas, diz Bruner, fundam suas raízes em nossa ancestral herança de contar histórias (p. 57). Para ele, há uma predisposição cultural em organizar a experiência de forma narrativa mediante estruturas de tramas (mimese): captar a vida em ação adaptando e melhorando o que sucedia. Estar na história, diz ele parafraseando a P. Ricoeur, tem um parentesco com contar uma história. Há uma mútua correspondência entre a forma de vida e o discurso narrativo: a mimese é uma metáfora da realidade, refere-se à realidade não para copiá-la, mas para outorgar a ela uma nova leitura. Por isso é que a narrativa pode seguir adiante independente da

## A notícia pode ser entendida como uma práxis de dominação da contingência.

exigência de referencialidade, sem a obrigação de ter um correspondente no mundo. As narrativas, diz o autor, mediam entre o mundo canônico da cultura e o mundo idiossincrático das crenças, desejos e esperanças, reiteram as normas sem serem didáticas (p. 63).

Reunindo as contribuições da psicologia cultural às da historiografia, vamos encontrar em um artigo (que se tornou um clássico) do historiador Hayden White (1980) os argumentos para ancorar com segurança nossa hipótese sobre a construção da narratividade no ato de recepção das notícias. As narrativas, diz ele, são uma particularidade humana mais que uma especificidade cultural, são um metacódigo humano universal. White insiste que as narrativas, sejam elas factuais ou fictícias, têm um motivo de ordem legal que provê o impulso para narrar e configurar as histórias. Esse impulso, diz ele a título de hipótese seguindo a Hegel, é o conflito entre o desejo e a legalidade, a legitimidade, ou a autoridade genericamente concebida. Narrar histórias seria impensável sem a pressuposição de um sistema de leis em relação à qual uma consciência histórica pode ser possível. São as relações humanas governadas por leis, legalidades e legitimidades que provêm as tensões e os conflitos que tornam possível representar a realidade como história, seja ela real ou imaginária.

A conclusão de White é radical: se cada história é um tipo de alegoria moral, seu objetivo latente ou manifesto é moralizar os eventos e a realidade de que trata. Ele sugere, então, que a narratividade está intimamente vinculada ao impulso de moralizar, de estabilizar a realidade. As idéias de White nos levam a pensar sobre a existência do jornalismo como crônica da realidade cotidiana diária. Contra qual realidade ética (pano de fundo moral) escrevem diariamente os jornalistas? “*Good news is no news*”, diz o ditado jornalístico. Se não há conflito, não há notícias, as notícias estão sempre relacionadas a inversões e transgressões. O acontecimento jornalístico, disse há tempos A. D. Rodrigues (1993),

é aquilo que rompe na superfície lisa da história, é o negativo da racionalidade. Neste sentido, conclui ele, o jornalismo inscreve-se inequivocamente no processo de regulação social, é uma prevenção racionalizante: o discurso da mídia surge para reorganizar a experiência do aleatório e lhe conferir racionalidade. As palavras de White (pp. 18/19) para a historiografia são muito semelhantes: se nada há de problemático, se não há contestação, nada há para representar nem história para ser contada. É porque, e só quando há contestação, que algo surge para ser narrado.

Em artigo anterior (MOTTA: 2003a), observei que a notícia enquanto ritual simbólico desempenha difusamente um papel de mediação entre os homens e uma cosmovisão, ainda que confusa e muito sub-repticiamente percebida. Argumentei que, como todo ritual que reporta continuamente as indeterminações, a notícia pode ser entendida como uma *práxis* de dominação da contingência. Utilizei as palavras de L. Duch (2002,190) sobre os atos ritualísticos em geral para reforçar meu ponto de vista (ainda que elas não se refiram particularmente às notícias):

*“Todo ritual pretende ser uma terapia benéfica destinada a remediar, a nível individual e coletivo, os estragos da negatividade, uma estratégia para voltar a integrar as forças que, na existência humana, atuam de maneira caotizante... uma reintegração do todo que havia sido ‘centrifugado’ da vida humana como consequência da ação do mal e da morte, uma consolidação do nós coletivo e social... a fim de evitar a desagregação e a desestruturação provocada pelos interesses de todo tipo, pela inimizade, pela incompreensão e pelo medo.”*

Em última instância, é essa a minha hipótese: o papel cognitivo da notícia segue uma estratégia simbólica destinada, a nível individual e coletivo, a fazer frente aos estragos da negatividade e voltar a reintegrar o todo ameaçado, consolidando o conjunto social e evitando a sua desestruturação pela angústia, ansiedade e medo diante da contingência. É assim, portanto, no âmbito da cultura, não das imanências internas, que é possível reconhecer as determinações canônicas que configuram o caráter narrativo dos enunciados jornalísticos. Cabe ao analista identificar os impulsos morais e

éticos no âmbito da cultura que configuram significativamente os dramas e tramas das narrativas jornalísticas, independente de seu maior ou menor grau de objetividade.

## 5. A tessitura da intriga jornalística e conhecimento de mundo

Com o pano de fundo da teoria da recepção, da antropologia interpretativa e da psicologia cultural penso poder-se construir uma teoria cognitiva das narrativas jornalísticas. As notícias são fragmentos parciais de histórias, de personagens e atores dos dramas e tragédias humanas contadas e recontadas diariamente, pontuadas de lacunas e hiatos de sentido que precisam ser permanentemente negociados pelo receptor no ato de leitura. As notícias condensam difusamente conflitos, tensões, terror e piedade. É o receptor das fragmentadas notícias quem vai intuitivamente conectar as partes, tecer os laços de significação temporal, preencher as lacunas, reconfigurar as indeterminações, articular passado, presente e futuro, montar os atravessados quebra-cabeças dos enredos através de atos criativos de recepção. O leitor ou ouvinte faz isto porque precisa e busca encadear os fragmentados e superpostos episódios das notícias com as difusas histórias de sua vida, repondo continuamente o ato de recepção jornalística na cultura, no mundo da vida. É na interpretação imaginativa do leitor ou ouvinte que a narrativa jornalística ganha narratividade e consistência, ganha contornos morais e éticos, reconfigura histórias significativas (acontecimentos jornalísticos) independente da identidade do texto, das qualidades intrínsecas dos gêneros ou estilos.

O mundo do jornalismo é o mundo da tragédia e da comédia humanas. O jornalismo é uma atividade mimética: representa a vida, as ações dos homens, dos bons e maus homens, relata os dramas, as tragédias, as sagas e as epopéias contemporâneas. As notícias são relatos fragmentados e superpostos sobre a nossa existência, sobre as nossas dores e os nossos amores, nossos sofrimentos e gratificações, sobre os acasos e contingências que nos afetam. O jornalismo conta continuamente as histórias dos nossos heróis,

nossas batalhas e conquistas, nossas derrotas e frustrações. Como atividade mimética, é sobre esse pano de fundo da cultura humana, com todas as suas fortunas e infortúnios, que o jornalista trabalha, e no qual ele se encontra com seus leitores ou ouvintes. Nesses termos, podemos falar de uma poética e de uma narrativa jornalística, assim como falamos em uma poética e uma narrativa literária.

As notícias nascem das ambigüidades dos valores e normas de uma cultura. Plagiando J. M. Redfield (1975) podemos dizer que é com os olhos fixados nas normas culturais que o jornalista apresenta histórias problemáticas e desviantes ao seu auditório. Ao reportar os dramas e tragédias humanas, os jornalistas estão continuamente testando os limites de nossa cultura, de suas normas, valores, regras e jurisprudências. As notícias transformam as tragédias humanas em relatos dramáticos para serem confrontados com o mundo ordinário da vida. Nas notícias, nossa cultura torna-se problemática em si mesma. Em princípio, as notícias desorientam a audiência com o relato dos fatos dramáticos (a desordem), mas o jornalismo é ambivalente. Simultaneamente apresenta a ordem, deixa no ar alternativas hipotéticas (Motta: 2003). Nem sempre de uma forma didática, mas frequentemente de uma forma pedagógica, a atividade mimética do jornalismo, assim como da arte, ensina.

Essa afirmação deve ser tomada com parcimônia, entretanto. Assim como a arte, o jornalismo constrói-se sobre as ambigüidades, os dilemas e contradições do mundo da vida. Mas, como o teatro, não apresenta soluções nem promessas de resolver os dilemas. Deixa isto para a religião, a política, as ideologias. Plagiando novamente as palavras de J. Redfield sobre a arte dramática, podemos compreender a experiência da recepção no jornalismo: ela atin-

***É na interpretação  
imaginativa do leitor ou  
ouvinte que a narrativa  
jornalística ganha  
narratividade e  
consistência, ganha  
contornos morais e  
éticos.***

ge seu clímax e apogeu intelectual quando nos revela o caráter universal e pervagante das tragédias que diariamente conta. É nesse aspecto que o caráter mimético do jornalismo se revela com mais força: ele leva adiante junto aos receptores, diariamente, sucessiva e permanentemente, uma difusa experimentação de valores. O jornalismo toma empréstimos da ética para selecionar e apresentar as notícias, mesmo quando prega uma total suspensão de valores e juízo moral. Ou ainda, como revela P. Ricoeur a respeito da poética, o próprio projeto de neutralidade pressupõe a qualidade originalmente ética da ação.

Estou sugerindo que a recriação de sentidos no processo de recepção deve ser observada através de uma abordagem antropológica da notícia (a notícia como objeto de mediação cultural). Essa abordagem propõe a observação de seqüências de notícias sobre episódios singulares (análise de incidentes, como sugeria Darnton ou de acontecimentos, como prefiro) que configuram encadeamentos narrativos unitários como enredos com princípio, meio e fim. Encadeados, os fragmentados incidentes diários reportados configuram seqüências de significações abertas, mas unitárias: os acontecimentos jornalísticos. A determinação sintática desses acontecimentos se manifesta de forma latente no texto, mas só pode ser coerentemente reconfigurada no ato de recepção, como sugere Ricoeur.

## 6. Tecendo a história do presente

Há algo singular no caráter da narrativa jornalística, além de sua configuração ética e moral. Diferentemente da história, a narrativa jornalística, ainda que utilize frequentemente o pretérito perfeito ou imperfeito em seu discurso, refere-se ao presente, ao momento contemporâneo. Essa coetaneidade confere uma singularidade à narrativa jornalística em relação às narrativas da história ou da literatura. O jornalista narra continuamente a história do presente imediato, uma história fugidia, inacabada, aberta, mas, uma história. Negar às narrativas jornalísticas o caráter de história é, como disse o historiador P. Nora (s/data), fazer coro com a atitude

de positivista que negou à atualidade a dignidade da história. O presente intensificou-se, diz ele, está super-aquecido, adquiriu uma dimensão histórica.<sup>9</sup> Antes de qualquer elaboração crítica, é vivido diretamente como história e se impõe ao historiador desde o exterior, história falada, escrita, televisionada: “se em algum lugar pulsa o coração da história contemporânea, não é no silêncio dos arquivos, mas no burburinho da sala de redação ou de uma conferência de imprensa” (p. 535). O jornalista, afirma ele, é o historiador natural da atualidade. A história do presente, observa, não é um simples apêndice linear da história do passado, mas uma história distinta, cuja particularidade é justamente sua exclusão, seu rechaço do campo da história.

Não podemos entrar aqui no instigante debate sobre o conceito de história do presente. Precisamos regressar à discussão sobre a análise dos acontecimentos, que Darnton chamou de análise de incidentes, para concluir nossa reflexão do jornalismo como narrativa do presente. Gostaria de mudar ligeiramente as perguntas de Darnton sobre o sentido dos acontecimentos: Qual a significação dos acontecimentos que se precipitam sobre nós desde os *mass media*? Como compreendê-los? Onde encontrar os fios que conectam as histórias e tornam os acontecimentos noticiosos compreensíveis? Esses acontecimentos permanecem na superficialidade da rapidez de seu consumo ou chegam a conformar imaginários coerentes, ainda que fugazes? O ato de recepção das notícias constitui experiências narrativas estabilizadoras do senso comum ou são experiências cognitivas demasiado breves, incapazes de vincular antecedentes e conseqüentes?

Não temos respostas definitivas para essas perguntas, que só poderão tornar-se consistentes com estudos empíricos. Mas argu-

---

<sup>9</sup> P. Nora (1979) registra a morte do acontecimento natural na história contemporânea, mas identifica o retorno de outro tipo de acontecimento: multiplicado desmesuradamente pelos meios de comunicação que o produzem, o acontecimento contemporâneo nos permite ler o imaginário de uma sociedade da qual representa o papel de memória e, ao mesmo tempo, de um mito. Analisar o acontecimento contemporâneo, sua estrutura, seus mecanismos, o que ele contém de significação social, diz ele, não é interrogar sobre a espuma do tempo histórico, mas aproximar-se do funcionamento de uma sociedade através das representações parciais e deformadas que ela produz.

mentamos ao longo do artigo que as notícias encadeiam narrativas sobrepostas e fugazes, mas provisoriamente coerentes e unitárias. Narrativas consistentes o suficiente para, pelo menos, organizar a experiência imediata dos receptores no mundo da vida. P. Nora (1979) observa que um novo tipo de acontecimento vinculado ao jornalismo vislumbra hoje uma história distinta. O sistema de atualidade tem o seu modo de produção, os *mass media*, e seu produto estandardizado, o acontecimento. Mas, um acontecimento diferente das efemérides do passado, que busca continuamente uma consciência de si mesmo. O acontecimento jornalístico, conclui ele, constitui-se no centro do nosso presente histórico. Como crônica do cotidiano, o jornalismo organiza acontecimentos e estabiliza hoje nossas confusas e difusas experiências do tempo presente, tecendo sucessivamente a história imediata.

Creio que, a partir da serialidade da cobertura de incidentes fragmentados noticiados diariamente pela mídia, o analista pode reconstruir narrativamente o enredo de acontecimentos midiáticos como histórias breves, desde um ponto de vista do receptor. Reunindo e encadeando as notícias diárias como histórias unitárias potenciais, como parece fazer o receptor, é possível recuperar sua configuração temporal e chegar até o fundo moral que projetou os fatos como notícias.

Seguir uma história, diz Ricoeur, é atualizá-la no ato de leitura. Partindo dos atos de leitura, creio ser possível recuperar as atualizações narrativas do jornalismo. No ato de ler o destinatário joga com a coesão narrativa, experimenta, sobrepõe, conclui a obra, carrega sozinho a tarefa de tecer as difusas

***Podemos falar de uma poética e de uma narrativa jornalística, assim como falamos em uma poética e uma narrativa literária.***

intrigas. Como analistas, podemos acompanhá-lo no percurso dessa tarefa. Ficção não é um gênero do discurso, é uma forma de expressão humana. É uma relação intersubjetiva que os indivíduos estabelecem com a realidade. Como se leitores fossem, os analistas poderão compreender

a natureza narrativa dos enunciados jornalísticos reconstituindo seus episódios, suas seqüências, suas intrigas. A partir daí, recuperar suas fábulas e observar as experimentações éticas e morais continuamente em curso na cultura contemporânea, independente do estilo ou grau de objetividade dos enunciados. ■

## Referências bibliográficas

- BAL, Mieke. *Teoria de la narrativa*, Cátedra, Madrid. 2001.
- BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*, Vozes, Petrópolis.
- BRUNER, Jerome. *Actos de significado*, Alianza, Madrid. 1998.
- DARNTON, Robert. “Um assassino sentimental”, *Cadernos Mais!*, FSP, 23/05/2004. 2004.
- DUCH, Lluís. *Antropologia de la vida cotidiana*, Trotta, Madrid. 2002.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, LTC, Rio de Janeiro. 1989.
- GERGEN, Kenneth J. *Realidades y relaciones*, Paidós, Barcelona. 1996.
- GREIMAS, A. J.. *Elementos para uma teoria da interpretação da narrativa mítica*. 1971.
- ISER, Wolfgang. “Teorias da recepção”, in J.C.C. Rocha, org., *Teoria da Ficção*, UERJ, Rio de Janeiro. 1999.
- JAUSS, Hans Robert. *Pequena apologia de la experiencia estética*, Paidós, Barcelona. 2002.
- JAUSS, H. Robert. “El lector como instancia de una nueva historia de la literatura”, in J. A. Mayoral, *Estética de la recepción*, Arco Libros, Madrid. 1987.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. “Para uma antropologia da notícia”, *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, Vol. XXV, No. 2, julho/dezembro. 2002.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. “O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: pragmática jornalística e construção de sentidos”, *Comunicação e Espaço Público*, Ano VI, Nos. 1 e 2. 2003.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. “Sobre o trabalho simbólico da notícia”, *GT Comunicação e Cultura*, CD-ROM Compos. 2003.
- NORA, Pierre. “Presente”, in J.Le Goff, R. Chartier e J. Revel, *La nueva historia*, Mensajero, Bilbao. s/data.
- NORA, Pierre. “El retorno del acontecimiento”, *Hacer la historia*, Laia, Barcelona. 1974.

- REDFIELD, James M. *Nature and Culture on the Iliad. The tragedy of Hector*, The University of Chicago Press, Chicago. 1975.
- REIS, C. e A. C. M. Lopes. *Dicionário de teoria da narrativa*, Ática, S. Paulo. 1988.
- REVEL, Jacques. “Acontecimento”, in J. Le Goff, *La nueva história*, Mensajero, Bilbao. s/data.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, Tomo I, Papirus, S. Paulo. 1994.
- RODRIGUES, Adriano D.. “O acontecimento”, in N. Traquina, *Jornalismo-Questões, teorias, “estórias”*, Vega, Lisboa. 1993
- SCHUDSON, Michael. “News as literature and narrative”, *The sociology of news*, New York. 2002.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*, Perspectiva, S. Paulo. 1970
- TODOROV, Tzvetan. “As categorias da análise literária”, in Barthes, R. (1971), op. Cit. 1971.
- WHITE, Hayden. “The value of narrative in the representation of reality”, in W.J.T. Mitchell, *On narrative*, University of Chicago Press, Chicago. 1980.

## Narrativa jornalística e conhecimento imediato de mundo: construção cognitiva da história do presente

Luiz Gonzaga Motta

### Resumo

O artigo discute a possibilidade de o jornalismo ser compreendido como uma narrativa que tece o tempo presente, a história do presente ou história imediata. Discute a ‘análise de incidentes’ como uma forma de buscar a compreensão narrativa de acontecimentos jornalísticos de significação unitária mais ou menos acabada. Compreendendo os ‘incidentes’ como unidades de significação integral, discute onde e como os acontecimentos jornalísticos se relacionam à configuração de uma história imediata. Argumenta que as conexões dos eventos isolados realizadas no momento da recepção estabelecem certa narratividade e configuram conjuntos temáticos integrais. É no nível da recepção e da cultura, e não do discurso, que as narrativas jornalísticas são reconfiguradas como narrativas integrais, com princípio, meio e fim. Recorre às idéias da filosofia da história (P. Ricoeur), da teoria da recepção (W. Iser e H. R. Jauss) e da psicologia cultural (J. Bruner e K. Gergen) para desenvolver os argumentos.

### Palavras-chave:

História do presente – acontecimento jornalístico – narrativa – narratividade – teoria da recepção

### Abstract

*The article discusses whether journalism language can be understood as a narrative that interweaves the history of present time. It considers the “analysis of incidents” (as R. Darnton puts it) as a path to understanding the narrative structure of journalistic happenings that builds more or less integral meanings. By taking journalistic happenings as units of integral meaning, the article discusses whether journalistic happenings are related or not to what historians have called “the immediate history”. The argument follows that the connections between the disconnected events are realized by the readers at the very moment of the reception by establishing certain narrativity that induces integral thematic assemblages. It is at the level of cultural reception, therefore, that journalism language can be taken for as integral narratives with a starting point, intermediate development and a final cut, not at the level of the language itself. The author appeals to the ideas of the French philosopher Paul Ricoeur, of the Germany aesthetic reception theory of W. Iser and H. R. Jauss and the cultural psychology of J. Bruner and K. Gergen to develop his arguments.*

### Key words:

*History of present time – journalistic happenings – narrative – narrativity – aesthetic reception theory*

E-mail:

luizmottaunb@yahoo.com.br